



Artigo original

As armas e as letras nos *Discursos* de Antonio de Herrera (século XVI)

Maria Emilia Granduque José*

RESUMO

Antonio de Herrera y Tordesillas é um dos personagens mais conhecidos do universo letrado espanhol. Com ênfase em um de seus textos que integra o volume intitulado *Veinte y nueve discursos políticos históricos literários originales é ineditos del historiador y cronista de las Indias*, este artigo aborda o discurso desse autor a favor das letras como meio necessário – tanto quanto as armas – para a formação dos nobres espanhóis no século XVI. Partindo da ideia vigente à época de que era preciso conciliar a atuação militar com o cultivo do saber, a proposta é mostrar em que medida Antonio de Herrera buscou valorizar as letras históricas como um conhecimento importante para instruir os membros da nobreza a se conduzirem virtuosamente no presente.

Palavras-chave: tratado de história; moral; século XVI; Antonio de Herrera y Tordesillas; Espanha

Arms and Letters in the *Discursos* of Antonio de Herrera (16th century)

ABSTRACT

Antonio de Herrera y Tordesillas is one of the best-known figures of the Spanish literary universe. Focusing on one of his texts that is part of the volume entitled *Veinte y nueve discursos políticos históricos literários originales é ineditos del historiador y cronista de las Indias* [Twenty-nine original and unpublished political, historical, and literary discourses by the historian and chronicler of the Indies], this article addresses the discourse of this author from the perspective that literature was necessary – as much as arms – for the training of Spanish nobles in the sixteenth century. Starting with the idea prevailing at that time that it was necessary to reconcile military performance with the cultivation of knowledge, this article shows the extent

* Universidade Estadual Paulista / Departamento de Letras Modernas, Assis, SP – Brasil. E-mail: memiliagranduque@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2724-4286>.

to which Antonio de Herrera sought to value historical literature as important for educating members of the nobility to conduct themselves virtuously in the present.

Keywords: History Treatise; Moral; 16th century; Antonio de Herrera y Tordesillas; Spain

Las armas y las letras en los *Discursos* de Antonio de Herrera (siglo XVI)

RESUMEN

Antonio de Herrera y Tordesillas es uno de los personajes más conocidos del universo letrado español. Con énfasis en uno de sus textos que integra el volumen titulado *Viente y nueve discursos políticos históricos literários originales é ineditos del historiador y cronista de las Indias*, este artículo aborda el discurso de este autor a favor de las letras como medio necesario – tanto como las armas – para la formación de los nobles españoles en el siglo XVI. Partiendo de la idea vigente a la época de que era necesario conciliar la actuación militar con el cultivo del saber, la propuesta es mostrar en qué medida Antonio de Herrera buscó valorizar las letras históricas como un conocimiento importante para instruir a los miembros de la nobleza de cómo conducirse virtuosamente en el presente.

Palabras clave: tratado de historia; moral; siglo XVI; Antonio de Herrera y Tordesillas; España

Ao ocupar o cargo de cronista oficial de Índias e de Castela, Antonio de Herrera y Tordesillas compôs os *Discursos morales, políticos e históricos* dedicados a destacar os princípios gerais que norteavam a importância da história na vida dos homens. No início de seu *V Discurso e tratado sobre porque as letras não impedem o valor de se ter ânimo para governar as coisas da guerra*, escrito no século XVI¹, elucida a importância que os espanhóis atribuíam às armas em detrimento das letras para a conservação do reino. Mais precisamente, seu discurso mostra que para muitos homens o aprimoramento das letras, isto é, o conhecimento geral sobre todas as áreas do saber, seria um impeditivo para o desenvolvimento militar dos povos ao enfraquecer os ânimos e tirar o vigor tão necessário para os soldados nas guerras. Recorrendo a algumas referências históricas, Antonio de Herrera lembra que os franceses

¹ Os *Discursos morales, políticos e históricos* foram escritos durante a atividade de Antonio de Herrera y Tordesillas como cronista e historiador das Índias e do reino de Castela, provavelmente a partir de 1596, data em que foi nomeado pelo rei Felipe II para ocupar esses cargos. No manuscrito original há o registro da data de 1631, ano em que Frei Tomás de San Josef atribui a autoria dos *Discursos...* a Antonio de Herrera e recomenda a entrega do calhamaço à viúva do cronista, Doña María de Torres. No entanto, o volume contendo esses *Discursos...* foi conhecido pelo público somente em 1804, quando foi descoberto pelo historiador Juan Antonio de Iza Zamácola e publicado pela Imprensa de Ruiz, em Madri. O manuscrito original encontra-se na Biblioteca da Fundação Lázaro Galdiano (M.34/13. M 5-5-7) e na Biblioteca Nacional de Espanha, ambas em Madri (Ms. 1035).

se valerem desse entendimento ao explicarem a facilidade encontrada por Carlos VIII para conquistar o reino de Nápoles. De acordo com a versão sustentada, aqueles povos da Itália – assim como os espanhóis do passado diante dos godos – haviam se afeminado² com o cultivo das letras e, por isso, subjugados ao exército francês. A mesma explicação comum nos círculos europeus também era dada para explicar as perdas notáveis dos romanos frente aos exércitos de Jugurta, Mitríades e Espártaco com o argumento de que esses povos eram grandes militares antes de se interessarem pelas ciências gregas³. Com esses exemplos, Antonio de Herrera expõe a preferência pelas armas por parte de muitos povos que se respaldavam no dito comum de que “as letras embaçam a lança”⁴ por fragilizarem as habilidades dos homens para a guerra.

Mencionado no seu *V Discurso*, esse dito já corria pelas bocas de diversos nobres espanhóis dos séculos anteriores que consideravam não haver espaço para o cultivo do saber em uma sociedade que precisava concentrar sua atenção na defesa de seus territórios. Mais precisamente, a opinião geral na Espanha, particularmente no reino de Castela, não aprovava que os membros da classe cavaleiresca combinassem os estudos com suas atividades militares alegando se tratar de ofícios diferentes e inconciliáveis socialmente. A passagem pelos autores medievais nos dá conta de que a hostilidade ao culto às letras por parte da nobreza provinha de um pensamento difundido na Europa que definia o papel do cavaleiro à esfera militar, isto é, concedia-lhe um lugar de pertencimento no estamento social que não podia ser alterado. Gutierrez Díaz de Games, por exemplo, sustentava no seu *Victorial* dedicado a contar a vida de Don Pero Niño, obra provavelmente datada de 1444, que cada membro cumpria um dever destinado por Deus na hierarquia social e que, por isso, não era recomendável que desempenhasse outras funções sob o risco de se opor à natureza divina (Russell, 1978, p. 221). Em um contexto em que as guerras internas e externas eram constantes, os cavaleiros teriam de se concentrar na defesa da sociedade e deixar o exercício intelectual – visto pela nobreza como uma atividade de deleite – a cargo dos oradores, nomeadamente religiosos e estrangeiros conversos contratados pelo rei para traduzir as obras clássicas⁵. As armas, desse modo, operavam como eixo central por serem elas, na percepção desses homens, os instrumentos para conservar o reino, manter o funcionamento da República e assegurar a aplicação das leis.

Predominante no século XV, esse entendimento estruturou a sociedade espanhola, mas não sem a manifestação daqueles que consideravam ser plenamente possível que a classe

² Antonio de Herrera usa o termo “haber se afeminado”. Cf. HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de. *Veinte y nueve discursos políticos históricos literarios originales é inéditos del historiador y cronista de las Indias Antonio de Herrera*. [Manuscrito]. Madri, 1632, f. 55. Biblioteca Lázaro Galdiano, M.34/13. M 5-5-7.

³ *Ibidem*.

⁴ Trad. livre da autora: “las letras embotan la lanza”. *Ibidem*, f. 56.

⁵ No caso de Castela, numa sociedade organizada desde Alfonso X em três Estados – defensores, oradores e laborados –, o papel dos cavaleiros era ainda mais exclusivo e restrito à esfera das armas, já que havia outro setor encarregado do ofício das letras.

cavaleiresca equilibrasse essas duas atividades. Se retrocedermos um pouco no tempo, mais precisamente no século XIII, há casos pontuais de nobres que investiram na promoção das letras no espaço régio, como Alfonso X, o rei sábio – um grande promotor do saber por escrever obras e criar meios, como o *scriptorium*, para apoiar essa escrita – e seu sobrinho, Dom Juan Manuel, autor de numerosas obras de teor didático que reproduziam lições aos príncipes dentro de um ambiente exclusivamente militar. O apreço pelas letras ultrapassou o tempo e foi defendido por nobres no século XV, como Juan de Mena, Gómez Manrique e Diego de Burgos, que recomendavam ao governante e seu séquito a promoção desses dois labores por serem igualmente importantes para o ordenamento da república (Venere, 2013, p. 51). A defesa mais acalorada, contudo, partiu de Íñigo López de Mendoza y de la Vega, o Marqués de Santillana, que, valendo-se de seu próprio exemplo, demonstrou aos seus pares a viabilidade desse entendimento ao combinar sua atuação na cena militar – dentre as quais, destaca-se a presença na Batalha de Olmedo, em 1415, que lhe conferiu o título de marquês – com o cultivo do saber demonstrado pelas suas leituras, pelo apreço aos livros, que mais tarde formaria a Biblioteca de Osuna, e pela escrita de textos do gênero poético e prosístico cujo teor instrutivo abarcava temas morais, políticos e religiosos. Em uma dessas obras, os *Proverbios*, de 1437, esse nobre orienta o príncipe Enrique IV sobre a importância de se aliar os estudos com o exercício militar. Mais precisamente, escrevendo diretamente para o herdeiro do trono de Aragão, esse escritor defende em diversas alturas da obra o investimento no saber sob o argumento de que “a ciência não engrossa o ferro da lança nem enfraquece a espada na mão do cavaleiro”, como sustentavam muitos de seus coetâneos⁶.

Retomado posteriormente por Gómez Manrique no próêmio de seu *Cancionero*, posterior a 1476, e por Antonio de Herrera em um de seus *Discursos...*, de 1632, já aqui mencionado, esse aforismo citado por Santillana era usado para dissuadir os membros da nobreza a dar o mesmo espaço para as letras tal como davam para as armas (Russell, 1978, p. 237). Muito longe de ser uma simples figura retórica para embasar seu posicionamento, esse aforismo ganha força quando o próprio marquês apresenta uma série de exemplos de personagens antigos e bíblicos reconhecidos tanto pela erudição quanto pela performance militar demonstrada nas guerras. Em um de seus poemas presentes nos *Proverbios*, Santillana chega a instruir o leitor a ampliar sua formação e buscar alcançar o saber inspirando-se em um desses personagens, Salomão, que no ambiente de sua época, escreve ele, “procurou a sabedoria e com ela governou a senhoria do mundo e a monarquia universal sem luta nem igual equivalência”⁷.

⁶ Trad. livre da autora: “la ciencia non embota el fierro de la lança ni fase flora el espada en mano del caballero”. SANTILLANA, Marqués de. *Proverbios*. In: RUSSO, Sara. *Estudio y edición del manuscrito M32.13 de la Biblioteca Lázaro Galdiano*. Tese (Doutorado em Letras) – Facultad de Filología, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2018.

⁷ Trad. livre da autora: “sabiduría procuró, con la qual administró la señoría del mundo e la monarchia Universal, sin contenda nin igual compañía”. SANTILLANA, Marqués de. *Proverbios*. Edição digital preparada por Rosario Ramos. [S. l.]: Biblioteca Virtual Kathasis, 2008. cap. 2, p. 6.

O teor instrutivo dos *Proverbios* e de outros textos que integram sua produção respondia ao compromisso de orientar a nobreza não apenas a agir virtuosamente na esfera pública e privada, mas também a expandir seus estudos então circunscritos à esfera militar. Seguindo essa tarefa, a obra de Santillana dialoga com exemplos do passado a fim de mostrar ao seu principal leitor, Enrique IV, como os homens de épocas anteriores haviam combinado a ação nos campos de batalha com as letras cultivadas em seus gabinetes. Com a proposta de privilegiar esses dois ofícios na formação do cavaleiro – o militar e o literário –, ele dá um novo sentido ao entendimento da “*sapientia e fortitudo*” que aparece nos textos medievais como qualidades indispensáveis aos membros dessa classe. Mais precisamente, Santillana transforma o ideal de que o cavaleiro deveria reunir valores que o elevavam à figura de herói ao propor que ele ampliasse sua formação incluindo o cultivo das letras em sua vida (Venere, 2013, p. 6). E o faz não apenas buscando homens do passado para ilustrar sua proposta, mas mostra-se, ele mesmo, tal como retratou Fernando del Pulgar em seus *Claros varones de Castilla* (1486)⁸, como modelo de um novo tipo de cavaleiro que nascia naquela Castela do século XV e seria cada vez mais reafirmado pelos letrados e depois pela própria nobreza em épocas posteriores.

Manejar ora a espada, ora a pena

Embora o posicionamento a favor das letras seja colocado em evidência por Santillana, a combinação efetiva dessas duas atividades no ambiente de corte terá de esperar o século seguinte, quando o modelo do cortesão – aquele que domina com excelência as armas e as letras – apresentado na obra *Il Cortegiano*, de Baltazar Castiglione, de 1528, passa a circular e a ser assimilado pelos nobres europeus. No caso espanhol, essa mudança de percepção tem início a partir da tradução dessa obra para o castelhano, em 1534, pelo poeta Juan Boscón, e das muitas referências a esse modelo divulgadas nos textos elaborados no período. Trazida pelos ventos do humanismo italiano que pouco a pouco adentravam o território ibérico por meio dos reinos de Aragão e Castela e possibilitavam aos seus letrados o acesso a esses escritos, a obra de Castiglione influenciou a mudança na imagem clássica do nobre cavaleiro⁹

⁸ Cf. PULGAR, Fernando del. *Claros varones de Castilla*. Madri: Taurus, 1985.

⁹ Acerca da nobreza espanhola formada também por cavaleiros que prestavam seus serviços e fidelidade ao rei, Guido Castelnuovo (2009), ao analisar o tratado *De vera nobilitate*, de Poggio Bracciolini, datado de 1439 a 1440, escreve que muitos eram os critérios que definiam a nobreza europeia e, no caso do nobre espanhol, sustenta que “sa noblesse, en effet, se dédouble : elle peut être soit lignagère et urbaine, soit seigneuriale et courtoise ; elle possède, en outre, un plus petit dénominateur commun qui n’est autre que l’equester ordo, à savoir la militaire et les ordres de chevalerie qui ouvrent la voie à une noblesse réunifiée autour de l’honneur lignager”. Trad. livre da autora: “sua nobreza, na verdade, dividia-se em duas: podia ser baseada em linhagem e urbana ou senhorial e de corte; também tinha um mínimo denominador comum, que não era outro senão o equester ordo, ou seja, a milícia e as ordens de cavalaria, que abriram caminho para uma nobreza unida em torno da honra baseada na linhagem”.

ao propor sua inserção em um ambiente de saber que o faria se expressar não apenas pela força, mas também pela escrita. Contribuiu para essa mudança a paz interna vivenciada pela Espanha desde o final do século XV, quando houve a reconquista do último bastião mouro, em 1492, e a consequente diminuição da atuação militar da nobreza. Isso permitiu um deslocamento do nobre guerreiro sempre posto a servir ao monarca para o nobre de linhagem (Raminelli, 2013, p. 88) que passa a circular em outros espaços sociais, como a corte, e a adotar um modo de vida que incluía o cultivo das letras, isto é, a aquisição de um conjunto de saberes necessários à formação do bom cortesão¹⁰. Um modo de vida adotado e seguido não apenas pela nobreza de origem, nomeadamente aquela formada pelos membros que comprovavam sua descendência de linhagens antigas, mas também pela nobreza de títulos formada por indivíduos que haviam alcançado tal condição mediante a compra e/ou concessão junto à Coroa¹¹.

Um dos exemplos mais soantes da cena espanhola do cavaleiro que pega “ora a espada, ora a pena”¹² veio de Garcilaso de la Vega, poeta que havia sugerido ao próprio Juan Boscón elaborar a tradução para o espanhol do *Il cortegiano* depois de travar contato com a obra nos tempos em que viveu na Itália (Pozzi, 2022 [2015], p. 6). Atuante combatente nas campanhas militares em defesa da pátria, sendo, inclusive, ferido e morto em uma delas, Garcilaso também fora um exímio compositor e fiel ao ideal humanista evocado por Castiglione de que as armas trazem ao cortesão a louvada valentia, mas são as letras que garantem o enobrecimento pessoal e a imortalidade de seus feitos¹³. É que o cultivo do saber por parte da

¹⁰ Segundo José Martínez Millán (2016, p. 8), “la nueva conducta, basada en las letras, en el saber decir y relacionarse, era muy distinta de la medieval basada en los ideales caballerescos y se practicaba en el espacio político denominado la ‘corte’, surgido en torno al Príncipe”. Trad. livre da autora: “a nova conduta, baseada nas letras, em saber falar e interagir, era muito diferente da conduta medieval baseada em ideais cavaleheiros e era praticada no espaço político chamado ‘corte’, que surgiu em torno do príncipe”.

¹¹ Para Enrique Soria Mesa (2007, p. 319), “ya no se puede sostener que la sociedad de la época fuese un mundo inmóvil, una realidad estática. La sociedad de la España moderna fue mucho más abierta de lo que se ha pensado hasta hace poco tiempo. Hablemos, si se quiere, de una sociedad estamental tendencialmente clasista, un mundo ordenado teóricamente por la sangre y el nacimiento; distribuido en grupos en realidad gracias al dinero y las relaciones personales y familiares”. Trad. livre da autora: “já não se pode mais argumentar que a sociedade da época era um mundo imóvel, uma realidade estática. A sociedade da Espanha moderna era muito mais aberta do que se pensava até recentemente. Falemos, se quisermos, de uma sociedade estamental tendencialmente classista; um mundo teoricamente ordenado pelo sangue e pelo nascimento distribuído em grupos na realidade graças ao dinheiro e às relações pessoais e familiares”.

¹² Trad. livre da autora: “tomando ora la espada, ora la pluma”. DE LA VEGA, Garcilaso. Égloga 3. *Fundación Garcilaso de la Vega*, Madri, [s. d.]. Disponível em: <https://fundaciongarcilasodelavega.com/garcilaso-de-la-vega/obra/eglogas/egloga-3/>. Acesso em: 27 maio 2022.

¹³ No livro *El humanismo de las armas en Don Quijote*, José Antonio Maravall (1948, p. 117) escreve que “el elogio del saber, que a éste equivale todavía en nuestro siglo XVII la expresión ‘letras’, es frecuente en la obra entera de Cervantes y arranca a Don Quijote frases de las más bellas entre las suyas. También para Don Quijote las letras son motivo de distinción, de elevación sobre el común, de verdadero ennoblecimiento. Si noble y virtuoso se equiparaban, ambos se han de apoyar en sabiduría, es decir, en ser, para una y otra cosa, letrados. A todos vienen bien las letras y los estudios, al militar, al jurista, al eclesiástico”. Trad. livre da autora: “O elogio do conhecimento, ao qual a expressão ‘letras’ ainda equivale em nosso século XVII, é

nobreza cavaleiresca permitia aos seus membros não apenas aprenderem um conjunto de valores morais transmitidos nos livros, mas também possibilitava o registro por escrito de suas ações e de seus sucessos de guerra que muitas vezes ficavam perdidos e até mesmo esquecidos para sempre, por não terem quem os contassem às gerações presentes e vindouras. Alcançar o almejado aplauso pelos feitos protagonizados demandava que o público espectador os conhecessem assim como esses mesmos cavaleiros modernos conheciam e valorizavam as proezas de seus antepassados; daí a escrita passar a ser uma atividade tão importante nesse momento (Lida de Malkiel, 1983, p. 273). A noção de que a linhagem nobre asseguraria a esses membros o reconhecimento público perdia cada vez mais legitimidade diante da crença humanista de que era necessário ao homem mostrar o seu valor em vida para reverberar depois de sua morte (Rallo Gruss, 1979, p. 42-43). Mais precisamente, se a fama era obtida como resultado dos grandes feitos, a escrita autoral ou encomendada a um terceiro passa a ser vista como o caminho para divulgar e perpetuar suas conquistas terrenas. Isso explica um maior investimento, nesse momento, em cronistas oficiais para atuarem na corte com o encargo de registrar os sucessos do reino, assim como a escrita por parte de muitos historiadores que se lançaram a narrar a história da Espanha com menções aos mais ilustres antepassados.

Talvez inspirados por Fernán Pérez de Guzmán, nobre e influente no meio político, que apresenta em suas *Generaciones y semblanzas* – terceira parte da obra *Mar de historias*, datada de 1412 – uma galeria de homens cujos méritos e virtudes mereceram destaque, muitos letrados igualmente envolvidos nesse ambiente humanista valeram-se de personagens conhecidos para transmitir aos seus pares quadros do que julgavam ser um comportamento exemplar. Antonio de Guevara, um desses autores, fez da escrita um instrumento necessário para a formação daqueles que atuavam na esfera política, daí sua bibliografia contar com tratados, espelhos de príncipes, textos religiosos e obras dedicadas a apresentar os feitos de grandes personagens. A produção desse eclesiástico, aliás, seguia o mesmo caminho já trilhado por Santillana: extrair da escrita um proveito moral para os leitores, sobretudo em um momento em que as novelas de cavalaria figuravam como uma das leituras preferidas no século XVI, apreciadas tanto pelos letrados pertencentes às camadas nobres quanto por aqueles que encarnavam o próprio espírito aventureiro dos personagens fictícios em suas viagens – caso dos conquistadores espanhóis que atuaram nas Índias –, mas que nada contribuíam para a educação desses homens em razão de seu enredo fantasioso (Rallo Gruss, 1979, p. 49).

frequente em toda a obra de Cervantes, e é uma das mais belas frases da obra de Dom Quixote. Para Dom Quixote, também, as letras são um motivo de distinção, de elevação acima do lugar-comum, de verdadeiro enobrecimento. Se o nobre e o virtuoso estivessem equiparados, ambos deveriam contar com a sabedoria, ou seja, com o fato de serem, para uma coisa ou outra, letrados. As letras e os estudos são bons para todos, para o militar, para o jurista, para o eclesiástico”.

As letras históricas

Para o convencimento de que as letras seriam aliadas da nobreza tanto quanto as armas, a referência às personalidades históricas mostrou-se fundamental. Na esteira desses autores, a argumentação adotada por Antonio de Herrera também se ancorou nos quadros do passado para sustentar ser plenamente possível e recomendável ao bom cortesão atuar simultaneamente nessas duas esferas da vida. Na longa lista de nomes mencionados, o autor se vale de exemplos evocados¹⁴ que vão desde célebres figuras da Antiguidade, como, segundo ele, “Alexandre Magno, César, Cícero e outros grandes capitães que foram excelentes em ciências de diversas maneiras”, até aqueles da atualidade, como “o rei Dom Alonso de Nápoles, o rei Estefano Batori da Polônia, seu sobrinho Segismundo, príncipe da Transilvânia antes de sua enfermidade”, além do “duque de Urbino que hoje vive, o duque de Essa que lutou em Piemonte, o duque Vespasiano Gonzaga Colona que foi muito versado na história e nas matemáticas”¹⁵. Complementarmente a esses nomes, há outros mencionados no seu texto, como “Mr. de Digueres, excelente soldado, Mariscal de França, doutor em ambos os direitos, Marques Espinola, doutor em letras humanas, assim como Dom Sancho de Condonó, Marques Chapin Vitelo, Juan Zamoschio, grande chanceler da Polônia e que estudou em Pádua” entre muitos varões destacados que mostram, nas palavras do autor, “que as letras são muito apropriadas para aperfeiçoar, dispor os corações e os ânimos para as armas e o governo, sendo, por essa razão, que os antigos quiseram que Palas armada significasse a conjunção das ciências e da guerra”¹⁶.

Com o propósito de embasar seu argumento e dar mais clareza à defesa das letras, Antonio de Herrera apresenta ainda outros exemplos entrelaçados ao seu relato (Aragüés Aldaz,

¹⁴ De acordo com Hugo O. Bizzarri (2019, p. 40), autor que apresenta uma tipologia dos exemplos históricos na obra *La outra mirada: el exemplum histórico*, os exemplos evocados são tipos de narrativas curtas em que nomes de personagens aparecem apenas como forma de evocar um episódio histórico. No caso do texto de Herrera, a referência aos diversos nomes de figuras do passado e do presente alude a um evento histórico, mas sem desenvolvê-lo.

¹⁵ Trad. livre da autora: “Alexandro Magno, con Cesar, con Cicerón, y otros grandes Capitanes, que fueron excelentes en diversas maneras de ciencias, y en nuestro tiempo el Rey Don Alonso de. Nápoles, el Rey Estéfano Batori de Polonia, su sobrino Sigismundo, Príncipe de Transilvania antes de su enfermedad”. HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de. *Veinte y nueve discursos políticos históricos literarios originales é inéditos del historiador y cronista de las Indias Antonio de Herrera*. [Manuscrito]. Madri, 1632, f. 56. Biblioteca Lázaro Galdiano, M.34/13. M 5-5-7.

¹⁶ Trad. livre da autora: “Mr. de Digueres excelente soldado, Mariscal de Francia, fué Doctor en ambos derechos, el Marques Espinola es docto en letras humanas, y así lo eran Don Sancho de Condonó, el Marques Chapin Vitelo, Juan Zamoschio, gran Canciller de Polonia, que estudió en Padua (...) que las letras son muy á propósito para perfeccionar, y disponer los corazones y los ánimos á las armas y al gobierno, y por esto quisieron los antiguos que Palas armada significase la conjunción de las ciencias y de la guerra”. HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de. *Veinte y nueve discursos políticos históricos literarios originales é inéditos del historiador y cronista de las Indias Antonio de Herrera*. [Manuscrito]. Madri, 1632, f. 57. Biblioteca Lázaro Galdiano, M.34/13. M 5-5-7.

1999). Referindo-se aos espanhóis que haviam atuado em sua época, escreve que, para se ter experiência sobre esse entendimento,

não há necessidade de dar muitos exemplos tirados dos antigos e modernos, apenas será preciso mencionar alguns varões famosos e letrados desta nação e que lutaram nas Índias Ocidentais. São eles o licenciado Espinosa de Valladolid, alcaide maior em Castilla del Oro, que entrou com grande esforço pelas terras incógnitas de gente feroz e belicosa na companhia de soldados muito disciplinados e obedientes e descobriu mais de quatrocentas léguas de terra rumo a Nicarágua¹⁷.

A lista se prolonga em um parágrafo que traz em torno de 14 letrados que se destacaram nas tarefas militares e governamentais, segundo o autor, graças aos conhecimentos que dispunham sobre as leis e as artes da guerra, bem como ao comportamento virtuoso que os levaram a agir com prudência nos conflitos locais. Com esses exemplos, Antonio de Herrera explica aos seus interlocutores, nomeadamente governantes e personagens políticos¹⁸, a importância que as letras tiveram para a conquista, a pacificação e o governo das novas possessões espanholas no ultramar. Valendo-se de modelos históricos, elucida em seus *Discursos...* os ganhos que esses homens adquiriram com o investimento no saber, uma vez que, segundo ele,

embora a natureza disponha ao homem ânimo e generosidade, se ele se encontra totalmente sem letras certamente será naturalmente incerto e duvidoso, sem audácia nem rigor, já que são estas as partes necessárias à arte militar e para se formar um capitão e um governador prudente e ponderado¹⁹.

¹⁷ Trad. livre da autora: “Y por que para la experiencia de lo referido, no hay necesidad de los muchos ejemplos que se pudieran dar antiguos y modernos, se dirán solamente algunos de varones letrados famosos de esta nación, que militaron en las Indias occidentales. Él, Licenciado Espinosa de Valladolid, Alcalde mayor en Castilla del Oro, entró con grande ánimo por tierras incógnitas de gente feroz y belicosa, y llevando á los soldados muy disciplinados y obedientes, descubrió más de quatrocentas leguas de tierra hacia Nicaragua”. HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de. *Veinte y nueve discursos políticos históricos literarios originales é inéditos del historiador y cronista de las Indias Antonio de Herrera*. [Manuscrito]. Madri, 1632, f. 58. Biblioteca Lázaro Galdiano, M.34/13. M 5-5-7.

¹⁸ De acordo com Pedro Gan Giménez (1979, p. 210), ao que tudo indica, o primeiro *Discurso...* se dirige ao Duque de Albuquerque, Dom Francisco Fernández de la Cueva; o segundo *Discurso...*, ao Duque de Lemos e Duque de Taurisano, Dom Pedro Fernández de Castro; e o terceiro *Discurso...* “ofrece mayor dificultad pues la nota marginal cabe el título: El Conde de Salinas nos hace pensar en don Diego Sarmiento de Silva o el duque de Híjar, don Rodrigo de Silva, pero el virrey de Portugal e hijo de un Espejo de Privados sólo puede ser Uceda”. Trad. livre da autora: “oferece maior dificuldade porque a nota marginal se ajusta ao título: O Conde de Salinas nos faz pensar em Dom Diego Sarmiento de Silva ou no Duque de Híjar, Dom Rodrigo de Silva, mas o vice-rei de Portugal e filho de um Espelho de Privados só pode ser Uceda”.

¹⁹ Trad. livre da autora: “aunque naturaleza dispone al hombre al ánimo y á la generosidad, es cierto que si totalmente se halla sin letras, será de un natural incierto dudoso y no resolutivo, sin audacia ni rigor, que son

No caso do duque Vespasiano Gonzaga, citado por Antonio de Herrera, assim como de outros personagens destacados, o conhecimento da história e da matemática permitiu aguçar a astúcia e o juízo nas estratégias militares, bem como a saber agir nos momentos decisivos em que se fazia necessário contar com a prudência e a ponderação no exercício de seus ofícios. Na condição de cronista oficial da corte de Felipe II²⁰, o autor dos *Discursos...* ocupou um lugar privilegiado ao acompanhar de perto os eventos ocorridos na corte e, por isso, direcionava seus escritos para aconselhar e educar os personagens da cena política. Utilizando o mesmo método dos escritores políticos dos séculos XVI e XVII, nomeadamente servidores de Estado, secretários, advogados, auditores, militares, embaixadores, esse cronista ancorava suas lições sobre a condução do governo em uma miríade de exemplos concretos, com o objetivo de ilustrar a mensagem ensinada²¹.

Não é por acaso que a motivação de Antonio de Herrera mira ressaltar a importância de se investir em um dos ramos específicos do saber: a história. Repercutindo os clássicos mais lidos em sua época, como os livros deixados por Cícero, Tácito²² e Quintiliano, traduzidos e comentados pelos humanistas que emulavam os pensadores da Antiguidade (Momigliano, 2004, p. 173), esse autor eleva a história a um saber indispensável ao considerá-la necessária para o registro dos sucessos empreendidos e para a transmissão de um conjunto de ensinamentos aos seus leitores (Kagan, 2010, p. 26)²³. Tal ideia seguia afi-

partes necesarias para el arte militar, y para formar un prudente y discreto Capitán y Gobernador”. HERRE-
RA Y TORDESILLAS, Antonio de. *Veinte y nueve discursos políticos históricos literarios originales é inéditos
del historiador y cronista de las Indias Antonio de Herrera*. [Manuscrito]. Madri, 1632, f. 58. Biblioteca Lázaro
Galdiano, M.34/13. M 5-5-7.

²⁰ A nomeação de Antonio de Herrera y Tordesillas para o cargo de cronista oficial foi transcrita pela historia-
dora Louise Bénat-Tachot (2014): “Nommé par Philippe II en 1596 Cronista Mayor de Indias (avec la chaude
recommandation de Vespasiano de Gonzaga, dont il avait été secrétaire) il fut aussi aussi Cronista de Castilla.
Il doit donc rédiger l’histoire d’une construction politique exceptionnelle – la monarchie catholique – et qui,
entre 1580 et 1640, coiffe la totalité du monde. Par ailleurs, il a servi successivement Philippe II, Philippe III
et Philippe IV (il est nommé secrétaire de Philippe IV juste avant sa mort)”. Trad. livre da autora: “Nomeado
Cronista Mayor de Indias por Felipe II, em 1596, (por recomendação calorosa de Vespasiano de Gonzaga,
de quem havia sido secretário), ele também foi Cronista de Castela. Portanto, ele teve que escrever a história
de uma construção política excepcional – a monarquia católica – que, entre 1580 e 1640, cobriu o mundo
inteiro. Ele também serviu a Felipe II, Felipe III e Felipe IV (foi nomeado secretário de Felipe IV pouco antes
de sua morte)”.

²¹ Para Maravall (1944, p. 57), “estos hechos históricos concretos que se toman como ejemplos vienen a ser
como una representación con figuras reales, de la que se desprende una sentencia o máxima moral o política.
Constituyen, por lo tanto, emblemas en acción, realizados”. Trad. livre da autora: “esses fatos históricos con-
cretos que são tomados como exemplos são como uma representação com figuras reais, da qual se deriva uma
sentença ou máxima moral ou política. Eles são, portanto, emblemas em ação, realizados”.

²² A importância de Tácito como referência para Antonio de Herrera está exposta em um de seus *Discursos...*,
em que se refere a esse autor: “IV. Sobre que Tacito excede a todos los historiadores antiguos y el fruto que se
saca de sus escritos” (1632, p. 43). Trad. livre da autora: “IV. Sobre Tácito, que excede todos os historiadores
antigos, e os frutos a serem extraídos de seus escritos”.

²³ Segundo Jorge Roaro (2017, p. 12), havia, nessa época, “la convicción de que la virtud es algo enseñable, y
que una educación apropiada puede producir mejores personas y mejores ciudadanos. Esta es la idea central

nada com a concepção renascentista herdada da Antiguidade, vale dizer, de que a história praticada servia a uma finalidade de ensinar algo útil e aplicável à vida dos homens. Mais precisamente, a história nessa época não havia ainda conquistado sua autonomia como disciplina – condição que ocorrerá a partir do século XVIII (Koselleck, 2013, p. 119) – e seguia subordinada à ciência política ao fornecer modelos morais de conduta, daí o seu conhecimento ser tão necessário a todos aqueles que exerciam alguma função pública (Günther, 2013, p. 109-111), como bem destacou Antonio de Herrera em seus *Discursos...* e os muitos letrados que defendiam a importância das letras históricas em seus manuscritos e impressos divulgados nesse período²⁴.

Na introdução de seu *II Discurso*, essa intenção aparece no texto quando ele externaliza seu propósito de declarar, segundo palavras suas, “que a história é um grande meio para se adquirir a prudência” porque seria por ela que os homens de ação, nomeadamente os governantes e militares, poderiam formar a “ciência do bem viver” ao possibilitar o conhecimento dos acontecimentos presentes, dos passados e ter uma previsibilidade acerca dos futuros²⁵. Mais precisamente, como a história conserva a memória dos feitos, é a ela que os homens devem recorrer, por sugestão de Antonio de Herrera, para “encontrar os preceitos do bem viver e de governar a nós mesmos, nossas coisas, as cidades e os reinos inteiros, porque dos muitos e vários acontecimentos que nela se encontram se tira com experiência e verdadeiro gosto o bem e o mal”²⁶.

detrás de la *paideia* de los griegos y la *humanitas* de los romanos, y fue también la idea que movió al Humanismo renascentista. Detrás de esta idea se encuentra, desde luego, la concepción de la naturaleza humana como algo esencialmente perfectible; algo que, sin llegar jamás a ser perfecto, puede en cambio mejorar continuamente, y ser guiado en el camino de la virtud por una adecuada educación moral”. Trad. livre da autora: “A convicção de que a virtude é ensinável e que a educação adequada pode produzir pessoas e cidadãos melhores. Essa é a ideia central por trás da *paideia* dos gregos e da *humanitas* dos romanos, e foi também a ideia que moveu o Humanismo renascentista. Por trás dessa ideia está, é claro, a concepção da natureza humana como algo essencialmente aperfeiçoável; algo que, sem nunca ser perfeito, pode, no entanto, melhorar continuamente e ser guiado no caminho da virtude por uma educação moral adequada”.

²⁴ “La historia, en el siglo XVII, no tiene la finalidad panegírica y elocuente que buscó en ella el Humanismo, sino un valor pragmático y ejemplar” (Maravall, 1944, p. 65). Trad. livre da autora: “A história, no século XVII, não tem o propósito panegírico e eloquente que o Humanismo buscou nela, mas um valor pragmático e exemplar”.

²⁵ Trad. livre da autora: “esta ciencia de bien vivir”; “como es bastante el medio de la historia para adquirir la prudencia”. HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de. *Veinte y nueve discursos políticos históricos literarios originales é inéditos del historiador y cronista de las Indias Antonio de Herrera*. [Manuscrito]. Madri, 1632, f. 22-23. Biblioteca Lázaro Galdiano, M.34/13. M 5-5-7.

²⁶ Trad. livre da autora: “y con razón es llamada maestra de la vida, á la qual debemos acudir para hallar los preceitos de bien vivir, y de gobernar á nosotros mismos, nuestras cosas, las ciudades y reynos enteros; porque de los muchos y varios acontecimientos que en ella se hallan, se saca con la esperiencia el verdadero gusto del bien y del mal”. HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de. *Veinte y nueve discursos políticos históricos literarios originales é inéditos del historiador y cronista de las Indias Antonio de Herrera*. [Manuscrito]. Madri, 1632, f. 23. Biblioteca Lázaro Galdiano, M.34/13. M 5-5-7.

A ideia de que seria possível aprender com os acertos do passado e ainda prever, a partir deles, o que se poderia esperar do futuro estava atrelada à concepção de que os acontecimentos poderiam se repetir, mesmo com as mudanças de reinos e de governantes de tempos em tempos. A história como saber era, portanto, uma coleção de narrativas individuais²⁷ nas quais os homens poderiam se inspirar e tirar proveito para conduzir suas ações, regular suas emoções e decidir suas escolhas com base em experiências passadas. É assim que o rei Dom Alonso de Nápoles, apresentado por Antonio de Herrera como um exemplo histórico mencionado para fundamentar seu relato, fazia ao buscar em modelos alheios inspiração para agir virtuosamente no desempenho de sua função, conforme descreve o cronista:

aquele prudentíssimo rei Dom Alonso de Nápoles, ao inferir que das obras alheias tirava os melhores conselhos para aproveitar-se nas próprias, dizia bem que não encontrava melhores nem mais fiéis conselheiros do que os mortos; e dizia-se que este valoroso Príncipe (embora Rei de Nápoles, nasceu em Medina del Campo) tinha sempre consigo as obras de Lívio, da mesma maneira que Alexandre fazia com as *Ilíadas* de Homero²⁸.

Ao estampar esse caso, Antonio de Herrera instrui o leitor a se espelhar nesse exemplo e a buscar conselhos nas consultas ao passado. Mais ainda, recomenda que aproveite as lições contidas nas histórias tal como o rei de Nápoles, sem nenhum incômodo e às custas da vivência de terceiros que agora seriam suas referências para atuar no presente²⁹. Considerando que os *Discursos...* foram produzidos na época em que ele ocupava um cargo oficial na corte, sua escrita destinava-se a refletir sobre a arte da governança³⁰ a partir de modelos exitosos legados do passado. O que é um indicativo de que as letras históricas cruzavam com a esfera política nesse momento ao fornecerem conteúdo e matéria para a instrução dos governantes.

²⁷ Em seu estudo sobre a mudança do conceito de história, o historiador Reinhart Koselleck (2013, p. 119-120) explica que “a história foi, desde o século XV até o XVIII, uma forma plural, que designava a soma das histórias individuais. A migração do conceito no plural para o singular (...) se deu a partir de um grande número de escritos histórico-teóricos”.

²⁸ Trad. livre da autora: “y así decia bien aquel prudentísimo Rey Don Alonso de Ñápoles, que no hallaba mejores ni más fieles consejeros que los muertos, queriendo inferir que de las obras ajenas sacaba los mejores consejos para aprovecharse en las propias; y dicese que este valeroso Príncipe (que aunque Rey de Nápoles, nació en Medina del Campo) tenía siempre consigo las obras de Livio, de la misma manera que Alexandro solía hacer de las *Iliadas* de Homero”. HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de. *Veinte y nueve discursos políticos históricos literarios originales é inéditos del historiador y cronista de las Indias Antonio de Herrera*. [Manuscrito]. Madri, 1632, f. 25. Biblioteca Lázaro Galdiano, M.34/13. M 5-5-7.

²⁹ *Ibidem*, f. 11.

³⁰ Outras obras produzidas por Antonio de Herrera ilustram esse compromisso com a reflexão sobre a arte da governança, como a tradução da *Ragion di Stato* e a *Cause della grandezza dele città*, compostas pelo jesuíta italiano Giovanni Botero e publicadas em Madri em 1593, além de *Los cinco primeros Libros de los Annales*, de Cornelio Tácito, publicados em 1615.

Escrever a história

Sendo, portanto, a história um saber compromissado com o ensino e a instrução ao fornecer conselhos e avisos, sua mensagem teria de vir clara para assegurar a compreensão precisa do espectador, ou melhor, teria de vir bem escrita para elucidar os eventos e as lições embutidas na narrativa. Daí ser necessário seguir critérios específicos para não haver prejuízo dos fatos, entrecruzando, nas palavras de Antonio de Herrera, “a história com as advertências, os fatos passados com as sentenças”, à moda de Cícero, “tecendo feito a feito, caso a caso, virtude a virtude”³¹. Não é aleatório que o *I Discurso*, intitulado *Sobre los provechos de la Hist^a: q cosa es y de quantas maneras, de lo off^o- del Historia: y de como se há de inquirir la fe y verdade de la Hist^a: y como se há de escribir*, traz uma reflexão sobre a arte da história muito próxima daquelas encontradas em obras prescritivas – como tratados, manuais, diálogos e prólogos – elaboradas no ambiente espanhol entre os séculos XVI e XVII (Montero Díaz, 1948)³². Os *Discursos...* de Antonio de Herrera, aliás, aparecem no momento em que pululavam essas obras voltadas a disciplinar o fazer histórico, com regras e instruções sobre o modo como se deveria reportar os eventos passados, e a traçar um perfil adequado de quem deveria exercer tal ofício (Courcelles, 2009, p. 270).

Nesse *I Discurso*, ao definir a utilidade da história e seus tipos possíveis, Antonio de Herrera pontua algumas regras que deveriam pautar os historiadores na composição de suas obras. A primeira regra diz respeito ao modo como se deveria iniciar o relato, quais os assuntos abordados, qual a relevância de cada fato e qual o estilo adequado para sua escrita. De acordo com ele, o historiador teria de ter uma disposição para elaborar a narrativa com estilo “puro, claro e perspicaz”³³, concentrada em transmitir a verdade, sem floreios e ornamentos formais que ofusquem seu sentido. Retomando alguns oficiais que haviam servido aos monarcas espanhóis, como Juan Antonio Viperano, capelão de Felipe II, Antonio de Herrera ainda complementa essa posição valendo-se de um recurso metafórico ao dizer que a boa escrita seria aquela que transparecesse uma “honestidade conveniente à matrona e não

³¹ Trad. livre da autora: “lo cual suele acontecer quando con algunas sentencias o advertencias se van juntando y tejiendo hecho a hecho, caso a caso, virtud a virtud”. HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de. *Veinte y nueve discursos políticos históricos literarios originales é inéditos del historiador y cronista de las Indias Antonio de Herrera*. [Manuscrito]. Madri, 1632, f. 27. Biblioteca Lázaro Galdiano, M.34/13. M 5-5-7.

³² São eles: *De tradendis disciplinis* (1531), de Juan Luis Vives; *Memorial de las cosas necesarias para escribir Historia* (1557), de Juan Páez de Castro; *De historiae institutione dialogus* (1557), de Sebastián Fox Morcillo; *Diálogos qual debe ser el cronista del principe* (1567), Juan Páez de Castro; *Arte de rethorica* (1578), de Rodrigo de Espinosa de Sanctayana; *De conscribenda historia libri duo* (1591), de Juan Costa y Beltrán; *Discurso de las letras humanas llamado el Humanista* (1600), de Baltasar de Céspedes; *De historia para entenderla y escribirla* (1611), de Luis Cabrera de Córdoba; *Genio de la historia* (1651), de Jerónimo de San José.

³³ Trad. livre da autora: “el estilo puro, claro y perspicaz”. HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de. *Veinte y nueve discursos políticos históricos literarios originales é inéditos del historiador y cronista de las Indias Antonio de Herrera*. [Manuscrito]. Madri, 1632, f. 5. Biblioteca Lázaro Galdiano, M.34/13. M 5-5-7.

à maneira daquele adorno de rameiras que é próprio dos poetas”³⁴. O cronista se referia ao estilo excessivamente rebuscado, herdeiro direto dos medievos, e utilizado por muitos historiadores como artifício para engrandecer e embelezar seus relatos à semelhança dos textos de poesias. Um estilo condenado por ele e por tantos outros autores³⁵ dos séculos XVI e XVII não apenas porque engessava a narrativa, tornando-a pouco fluida para a leitura, mas, principalmente, porque os adeptos desse recurso formal empregavam vocábulos ainda pouco usuais do castelhano, uma língua que ainda não estava completamente generalizada como o latim, impedindo a compreensão integral do texto.

As críticas a esse estilo feitas nos *Discursos...* já corriam pelas páginas de muitas outras obras desde que Castiglione³⁶ e seus partidários, como Garcilaso de la Vega e Juan Boscón, haviam inovado ao apontar como essa forma de escrever inviabilizava a inteligibilidade do texto. Desse modo, os escritos de Antonio de Herrera apenas integram a longa lista daqueles que orientam a todos “*huir de la afectación*” (Menéndez Pidal, 1958, p. 69) na escrita e se adequar a um estilo limpo, com o emprego de termos conhecidos e usados pelas gentes, isto é, termos que fizessem parte do universo cortesão, uma vez que era esse o público-alvo de suas obras. É essa uma das lições deixadas na lista de sentenças apresentadas no *I Discurso*, que diz:

Assim como se propõe ao escritor a liberdade e a verdade no dizer, deve-se também propor que ele se ocupe em mostrar claramente e declarar com doçura o que escreve, não com palavras obscuras nem extraordinárias, nem tão vulgares como as do povo baixo, mas que possam ser entendidas em sua maior parte e aprovadas pelos sensatos; igualmente se pede que se use figuras e ornamentos que não cansem e que não sejam enfeitados, mas que estejam à altura de envolver a matéria tratada³⁷.

³⁴ Trad. livre da autora: “sino para una honestidad conviniente á matrona, y no á manera de aquel afeyte, de Rameras, que es propio de ios poetas”. *Ibidem*, f. 9.

³⁵ Jerónimo de San Jose é um desses autores que igualmente se opôs ao elevado estilo empregado pelos historiadores espanhóis desse período. De acordo com Victoria Pineda (2015, p. 38), San Jose chegou a escrever que “siendo que ‘han levantado nuestros españoles tanto el estilo, que casi han igualado con el valor la elocuencia, como emparejado las letras con las armas’, ¿qué medianía le puede quedar [a la historia] que no parezca, y sea, extremo?”. Trad. livre da autora: “sendo que ‘nossos espanhóis elevaram tanto seu estilo que quase igualaram a eloquência à coragem e igualaram as letras às armas’, ‘que maldade pode ser deixada [para a história] que não pareça, e não seja, extremo?’”.

³⁶ Uma passagem do *El cortesano* expressa bem esse posicionamento de Castiglione (1942, p. 64): “sería muy malo, hablando ahora nosotros familiarmente como hablamos, servinos de aquellas palabras que ya están fuera de uso; porque, como vos decís, fatigarían a quien las dixese y a los que las oyesen, y no serían entendidas de muchos sin harta dificultad”. Trad. livre da autora: “seria muito ruim, falando agora familiarmente como fazemos, usar essas palavras que estão fora de uso; porque, como você diz, elas cansariam aqueles que as dizem e aqueles que as ouvem, e não seriam compreendidas por muitos sem muita dificuldade”.

³⁷ Trad. livre da autora: “Y así como se propone en el escritor la libertad y verdad en el decir, debe llevar la mira en mostrar claramente y declarar con dulzura lo que escribe, no con palabras oscuras ni extraordinarias, ni tan vulgares que sean del pueblo baxo, sino que puedan ser entendidas de la mayor parte y aprobadas de los cuerdos; use de figuras y ornamentos que no enfaden, no afectados sino tan á propósito que se abracen con la matéria”. HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de. *Veinte y nueve discursos políticos históricos literarios*

A sugestão para que se evitasse “palavras obscuras e extraordinárias” com o objetivo de manter a simplicidade argumentativa não dava margem, contudo, para os historiadores empregarem palavras vulgares, como bem destaca o autor, na construção de seus textos³⁸. Muito pelo contrário: a orientação de Antonio de Herrera à luz do que propuseram seus antecessores era de que a escrita espelhasse a fala tal como era dita nos espaços da corte, isto é, que estivesse no mesmo tom e com os mesmos vocábulos (Menéndez Pidal, 1958, p. 70) a que estavam familiarizados os frequentadores desse ambiente. Isso porque, não custa lembrar, o propósito das obras já não era mais distrair esse público como faziam as novelas de cavalarias e a poesia cortesã, escritas com um estilo elevado e rebuscado para deleitar seus leitores, mas sim formar esses homens, a partir de exemplos do passado, para saber governar a si mesmos e aos outros nas múltiplas esferas de suas vidas.

Palavras finais

A argumentação feita por Antonio de Herrera no *V Discurso e tratado sobre porque as letras não impedem o valor de se ter ânimo para governar as coisas da guerra* tem seu lugar no ambiente letrado espanhol por ser direcionada a um público bastante específico, formado por governantes e atores políticos – como próprio monarca Felipe II – que ocupavam cargos de poder³⁹. Como cronista oficial do rei, Antonio de Herrera teve contato não apenas com toda sorte de textos relacionados aos territórios do reino conservados em arquivos, bibliotecas e em instituições de guarda, como o Real Conselho de Índias, fundamentais para a consulta, a cópia e a compilação de informações, mas também acesso direto ao ambiente político no tempo em que viveu na corte e vivenciou de perto as decisões desses personagens (Kagan, 2013, p. 203). Recorrendo aos exemplos históricos de grandes figuras do passado que haviam conciliado exitosamente as atividades militares com o cultivo das letras, seu propósito é persuadir esses interlocutores para que invistam na aquisição de saberes capazes de prepará-los para agir na vida pública.

originales é inéditos del historiador y cronista de las Indias Antonio de Herrera. [Manuscrito]. Madri, 1632, f. 14. Biblioteca Lázaro Galdiano, M.34/13. M 5-5-7.

³⁸ Cf. Cesc (2014, § 34).

³⁹ De acordo com Antonio Domínguez Ortiz (1985, p. 11), “la transformación de Castilla en un Estado renacentista (...) estaba facilitada por la vitalidad de sus bases económico-sociales en el siglo XVI y por una mentalidad en la que Armas y Letras (la espada y la toga) se completaban, se realizaban en las figuras del soldado escritor, del caballero letrado, tan frecuentes en aquel siglo. Pero aquellas posibilidades, para llegar a pleno cumplimiento, requerían un monarca que las encarnara en la época en la que el monarca era el alma y el motor del Estado”. Trad. livre da autora: “A transformação de Castela em um Estado renascentista (...) foi facilitada pela vitalidade de suas bases econômicas e sociais no século XVI e por uma mentalidade em que as armas e as letras (a espada e a toga) se completavam, concretizadas nas figuras do soldado-escritor e do cavalheiro erudito, tão frequentes naquele século. Mas essas possibilidades, para serem plenamente realizadas, exigiam um monarca que as incorporasse em uma época em que o monarca era a alma e a força motriz do Estado”.

Por oferecer uma coleção de modelos e de ações virtuosas, a história é um dos ramos do saber recomendados por Antonio de Herrera em seu discurso, já que por meio dela, ressalta ele, os governantes e seus pares poderiam não só buscar exemplos positivos que os instruísem no presente, mas também registrar seus próprios feitos que ecoariam igualmente como modelos inspiradores para as gerações futuras. Longe de enfraquecer a espada, como pensavam ainda alguns, as letras históricas, quando claras e bem escritas, aparecem como grandes aliadas dos membros da nobreza interessados em agir corretamente para serem reconhecidos em vida e, depois, por toda a eternidade.

Agradecimentos

O presente artigo é fruto de uma pesquisa de pós-doutorado realizada na Université de Fribourg (Suíça) com bolsa BEPE-FAPESP.

Referências

- ARAGÜÉS ALDAZ, José. *Deus concionator*. Mundo predicado y retórica del *exemplum* en los Siglos de Oro. Amsterdam: Atlanta, 1999.
- BÉNAT-TACHOT, Louise. Introduction. Antonio de Herrera: l'écriture de l'histoire et l'art du découpage. *e-Spania*, n. 18, jun. 2014. Disponível em: <http://e-spania.revues.org/23650>. Acesso em: 14 maio 2017.
- BIZZARRI, Hugo O. *La outra mirada: el exemplum histórico*. Zürich: Lit, 2019.
- CESC, Esteve. Teorías de la prosa histórica en la temprana modernidad. *Criticón*, n. 120-121, p. 117-136, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/criticon/807>. Acesso em: 19 fev. 2020.
- CASTIGLIONE, Baltasar. *El cortesano*. Tradução: Juan Bosco. Madri: S. Aguirre Impresor, 1942.
- COURCELLES, Dominique de. *Escribir la historia, escribir historias en el mundo hispánico*. Cidade do México: UNAM; Instituto de Investigaciones Históricas, 2009
- DOMÍNGUEZ ORTIZ, Antonio. *Instituciones y sociedad en la España de los Austrias*. Barcelona: Ariel, 1985.
- GAN GIMÉNEZ, Pedro. Concepciones historiográficas del cronista Herrera. *Chronica Nova*, n. 10, 1979.
- CASTELNUOVO, Guido. Les humanistes et la question nobiliaire au milieu du XV^e siècle. Autour du *De vera nobilitate* de Poggio Bracciolini. *Rives méditerranéennes*, n. 32-33, p. 67-

81, 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rives/2945>. Acesso em: 12 jul. 2024.

GÜNTHER, Horst. Pensamento histórico no início da Idade Moderna. In: KOSELLECK, Reinhart *et al.* *O conceito de história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. cap. 4, p. 85-118.

KAGAN, Richard. *Los cronistas y la corona*. La política de la historia en España en las Edades Media y Moderna. Madri: Ediciones Marcial Pons, 2010.

KAGAN, Richard L. ¿El cronista oficial: historiador o consejero? El caso ejemplar de Herrera y Tordesillas. *Revista de Historia Jerónimo Zurita*, Zaragoza, n. 88, p. 199-210, 2013. Dossiê: Jerónimo de Zurita y los cronistas de Aragón. Coord. por José Antonio Salas e Eliseo Serrano.

KOSELLECK, Reinhart. A configuração do moderno conceito de História. In: KOSELLECK, Reinhart *et al.* *O conceito de história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. cap. 5, p. 119-184.

LIDA DE MALKIEL, Maria Rosa. *La idea de la fama en la Edad Media castellana*. Madri: Fondo de Cultura Económica, 1983.

MARAVALL, José Antonio. *La teoría española del Estado en el siglo XVII*. Madri: Instituto de Estudios Políticos, 1944.

MARAVALL, José Antonio. *El humanismo de las armas en Don Quijote*. Madri: Instituto de Estudios Políticos, 1948.

MARTÍNEZ MILLÁN, José. La corte del barroco. Cambios culturales y de comportamiento. In: REY HAZAS, Antonio; GUTIÉRREZ, Mariano de la Campa; JIMÉNEZ PABLO, Esther (ed.). *Textos literarios, avisos, manuales de corte, etiqueta y oratoria*. Madri: Polifemo, 2016. p. 7-26.

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. *La lengua de Cristóbal Colón*. El estilo de Sta Tereza y otros estudios sobre el siglo XVI. Madri: Espasa-Calpe, 1958.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. São Paulo: Edusc, 2004.

MONTERO DÍAZ, Santiago. La doctrina de la historia en los tratadistas del siglo de oro. In: CABRERA DE CÓRDOBA, Luis. *De historia para entenderla y escribirla*. Madri: Instituto de Estudios Políticos, 1948. p. XI-LVI

PINEDA, Victoria. La poesía de los historiógrafos. *Bulletin Hispanique*, v. 117, n. 1, p. 25-42, 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/bulletinhispanique/3722>. Acesso em: 31 mar. 2023.

POZZI, Mario. La traduzione del *Cortegiano* e l'aspirazione spagnola a una cultura degna della nuova condizione imperiale. *Laboratoire italien*, n. 16, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/laboratoireitalien/932>. Acesso em: 17 jun. 2022.

RAMINELLI, Ronald. Nobreza e riqueza no Antigo Regime ibérico renascentista. *Revista*

de História, São Paulo, n. 169, p. 83-110, jul./dez. 2013.

RALLO GRUSS, Asunción. *Antonio de Guevara en su contexto renascentista*. Madri: Cuspa, 1979.

ROARO, Jorge. *El humanismo renascentista español de los siglos XV y XVI visto a través de la Retórica, la reflexión filosófica y la búsqueda de la virtud*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Salamanca, Salamanca, 2017.

RUSSELL, Peter Edward. *Temas de La Celestina y otros estudios: del Cid al Quijote*. Barcelona: Ariel, 1978.

SORIA MESA, Enrique. *La nobleza en la España moderna: cambio y continuidad*. Madri: Marcial Pons, 2007.

VENERE, Sherry Antoinette. *Armas y letras: Santillana and the Forging of a New Chivalric Ideal*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of Romance Languages and Literatures, University of North Carolina, Chapel Hill, 2013.

Anexo

*Discurso V: Discurso e tratado sobre porque as letras não impedem o valor de se ter ânimo para governar as coisas da guerra*⁴⁰

A prudência universal de V. M. e o seu conhecimento geral sobre todas as matérias, como se pode perceber nas claras amostras que durante muitos anos essa monarquia nos tem oferecido e a cada dia nos oferece, por meio da qual V. M. tem intervindo mostrando seu valor, zelo e integridade, despertaram-me a tratar neste *Discurso* da grande utilidade das letras para a notícia fundamental e verdadeira de qualquer trabalho. Isso pode ser provado com o conhecimento de que quando os Godos vieram à Espanha encontraram um cenário em que as letras floresciam muito em nossa terra, ao contrário desses povos que não disputam dessa virtude. Todo o mundo se maravilhou ao saber como Carlos VIII, rei da França, pôde entrar na Itália, penetrar até o reino de Nápoles e adquiri-lo tão facilmente, sucesso que os franceses atribuem ao fato de que os homens daquela província haviam se afeminado ao se ocuparem muito das letras; sendo que o mesmo se passou com os Godos ao entrarem na Espanha. Os turcos não têm muita estima dos cristãos em razão das muitas artes a que estão inclinados, porque esses povos depositam toda a sua felicidade na guerra sem se ocupar de

⁴⁰ Tradução do *V Discurso y Tratado que las letras no impiden el valor del ánimo para gobernar las cosas de la guerra*. In: HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de. *Veinte y nueve discursos políticos históricos literarios originales é inéditos de historiador y cronista de las Indias Antonio de Herrera*. [Manuscrito]. Madri, 1632. Biblioteca Lázaro Galdiano, M.34/13. M 5-5-7.

qualquer outra coisa. Os romanos foram grandes soldados antes de receberem as ciências e as delicadezas do Oriente tomadas dos gregos, já que até então os cônsules não cultivavam a terra, a medicina nem havia chegado e tampouco gente dessa profissão tinha crédito. Desse modo, há a opinião de que tudo o que fizeram de bom depois não foi por valor, mas, sim, pela reputação e grande poder, daí que admitiram as delicadezas e as ciências estrangeiras. Os romanos padeceram de rompimentos e perdas notáveis de povos sem doutrina, sem conhecimento das ciências nem de nada que pudesse introduzir neles afinação, como se viu pela mão de Yugurta, de Mitriades, dos Numantinos, dos Cimbro e Lusitanos, de Espartaco, dos Partos e outros, de onde se infere e se vê pelas histórias que os povos mais belicosos foram os mais rústicos e grosseiros. Exemplos deles hoje em dia são os Scitas e Tártaros, na Europa os Esquizaros, nas Índias Ocidentais os Feridos, feras e cruéis, e mais ainda os Turcos (como já dito) que menosprezam toda a ciência e a profissão de qualquer disciplina por industriosa que seja – particularmente a pintura, a escultura, a arquitetura e as letras –, sendo que não há entre eles nada menos estimado do que aquele que é dotado de alguma ciência. Seu vestir não é com bordados, com franjas ou com algum adorno. Na guerra, querem mais mostrar-se ferozes do que polidos, de maneira que todos os seus gostos se reduzem às armas. De tudo isso se pode deduzir que as letras são um impedimento para a arte militar e para aperfeiçoar o homem nessa profissão, de onde nasce um dito comum que adverte que “as letras embaçam a lança”, isto é, as letras enfraquecem os ânimos e os afeminam.

Para provar o contrário, primeiramente se exemplifica com Alexandre Magno, com César, com Cícero e com outros grandes capitães que foram excelentes em diversas ciências, e com aqueles homens de nosso tempo, como o rei Dom Alonso de Nápoles, o rei Estefano Batori da Polônia, seu sobrinho Segismundo, príncipe da Transilvânia antes de sua enfermidade, o duque de Urbino que hoje vive, o duque de Essa que lutou em Piamonte, o duque Vespasiano Gonzaga Colona, que foi muito versado na história e nas matemáticas, duas coisas que afinam o entendimento e o juízo para as máquinas militares e coisas pertencentes às fortificações. Além desses nomes, há muitos outros como Mr. de Digueres, excelente soldado, Mariscal de França, doutor em ambos direitos, Marquês Espinola, doutor em letras humanas, assim como Dom Sancho de Condonó, Marquês Chapin Vitelo, Juan Zamoschio, grande chanceler da Polônia e que estudou em Pádua, Dom Alvaro de Sandi, os dois famosos generais alemães em Hungria, os varões de Egemberg e de Tifempac. Por isso, podemos consentir que as letras são muito próprias para aperfeiçoar, dispor os corações e os ânimos para as armas e o governo, sendo, por essa razão, que os antigos quiseram que Palas armada significasse a conjunção das ciências e da guerra. Isso se prova com os mesmos turcos, porque Maomé II, Selim I, Soliman, seu filho, e Amulates, seu neto, foram os melhores príncipes da Casa Otomana e muito dados à história e às matemáticas. Dessa maneira, embora a natureza disponha ao homem ânimo e generosidade, é certo que se ele se encontra totalmente sem letras será naturalmente incerto e duvidoso, sem audácia nem rigor, sendo

que estas são as partes necessárias à arte militar e para se formar um capitão e um governador prudente e ponderado.

Para adquirir experiência do que foi referido não há necessidade de dar muitos exemplos tirados dos antigos e dos modernos, apenas será preciso mencionar alguns varões famosos e letrados desta nação e que lutaram nas Índias Ocidentais. São eles o licenciado Espinosa de Valladolid, alcaide-maior em Castilla del Oro, que entrou com grande esforço pelas terras incógnitas de gente feroz e belicosa na companhia de soldados muito disciplinados e obedientes e descobriu mais de quatrocentas léguas de terra rumo à Nicarágua. O licenciado Juan de Badillo, desde San Juan de Buenavista, atualmente Província de Cartagena, mesmo caminhando por duríssimas e altíssimas serras e terras despovoadas, passando pacientemente como seus soldados percalços incríveis com fome e sede, penetrou até Popayan. O licenciado da Gama também fez descobrimentos em terra firme e se comportou como destro capitão. O licenciado Caldera, prudentíssimo varão, que compôs as diferenças entre Almagros e Pizarros (e se tivessem vivido não sucederiam tantos males), fez grandes feitos militares. O licenciado Gonzalo Ximenez de Quesada, primeiro descobridor e conquistador do Reino de Granada, ganhou muitas batalhas e venceu enfrentamentos com os índios, corrigiu com grande prudência a soltura dos soldados com excelentes leis militares. O licenciado Vaca de Carro, com maravilhosa resolução, justificada primeiro a causa, venceu a batalha de Chupas usando as armas como grande soldado e com grande benignidade com os vencidos. O licenciado Juan Pérez de Guevara, capitão da Infantaria, não excedeu em valentia a nenhum soldado laico e poucos lhe chegaram. Os licenciados Cepeda e Carvajal, (ainda que sinistramente) um é tenente de Gonzalo Pizarro e o outro capital de Caballos, foram valentes e audaciosos. O licenciado Pedro de la Gasca teve grande resolução ao pegar em armas quando viu que não podia pacificar as coisas no Peru por acordo e, assim, travou a batalha de Xaquixaguana. O licenciado Dom Sebastian Ramirez, presidente e governador de Nova Espanha e depois bispo de Cueva, tão logo e disposto esteve para as armas assim como estava para o governo. O licenciado Tello de Sandoval disse aos castelhanos de Nueva España que como executava as leis com bons conselhos usaria as armas para que fossem obedecidas e cumpridas e, assim, pacificou aqueles reinos. O licenciado Albarado, Maese de campo de Francisco Hernandez Giron, foi um homem valente, ainda que muito cruel, e as batalhas que houve com a rebelião desse tirano foram apaziguadas mais pela determinação dos doutores da Real Audiência do Peru do que pelo Conselho dos capitães laicos. O licenciado Rui Lopez de Villalobos saiu-se um excelente homem do mar e como um capitão valoroso governou uma armada nas Ilhas do Poente. O licenciado Francisco de Sande, governador das Filipinas, colocou as bandeiras de seu príncipe em algumas partes do Arquipélago de San Lazaro, onde nunca chega um cristão. O doutor Antonio de Morga, sendo ouvidor das Filipinas, lutou em batalha naval contra os holandeses de poder a poder e os venceu. Muitos outros exemplos poderiam ser postos aqui, mas deixemo-os de lado para manter a brevidade. Em relação aos soldados par-

ticulares, a opinião comum é que não devem saber mais do que bem obedecer, pois não é necessário que sejam tão instruídos nas letras como devem ser seus comandantes para tratar com excelente inteligência os assuntos de governo e os de guerra. Tudo isso foi dito porque V. E. sempre foi tão dada e apta às letras.

Recebido: 01 de abril de 2024 — Aprovado: 29 de julho de 2024

Editoras responsáveis:
Hanna Sonkajärvi e Silvia Liebel